

## **CORPO NEGRO: Território e Significação**

**Felipe Costa Aguiar**

Universidade Federal Fluminense  
felipeaguiar@id.uff.br

**Edimilson Mota**

Universidade Federal Fluminense  
uffmota@id.uff.br

### 1- INTRODUÇÃO

É sabido que toda a estrutura social é complexa em si mesma, pois, se os sujeitos são intrínsecos nas suas complexidades, porque a sociedade como a representação dessa totalidade não seria? Pesquisadores como Hall (2006) pontuam a era atual de enfrentamento de tanta complexidade, no que diz respeito à diversidade política, ideológica, estética e social, como a Pós-modernidade. A rapidez com que circula a informação ultrapassa espaço-tempo, e isto seria também um elemento central para entender a complexidade social visto que a informação muitas vezes ela é fugidia, efêmera, faz e se desfaz, é como diz Masrhall (1997), "tudo que era sólido desmancha no ar".

Neste contexto, Silva (2009) corrobora com Hall (2009) e sustenta o argumento de que a sociedade vem mudando drasticamente, e as transformações tem se dado em campos sociais, tanto em escalas pessoais como escalas globais. Outros autores dizem que estaríamos na pós-modernidade, para Bauman (2001) estamos vivendo um mundo de valores líquidos onde as relações que antes acreditávamos serem firmes agora são ralas e jamais pudemos imaginar os caminhos e os descaminhos que vamos tomar.

Acreditamos que as duas correntes se parecem e se divergem, todavia, não é o objetivo desse artigo descrever sobre a pós-modernidade e as suas complexidades, muito menos duvidar das ideias citadas anteriormente, não obstante, isso não descarta que, mesmo sem concordar com as duas correntes, vivemos numa sociedade de valores líquidos e sentimos que tempo-espaço são diretamente impactados pela velocidade da informação, o que leva a ser o que é constante e sólido hoje, líquido, passado, desmanchado, amanhã.



Se a sociedade tem se tornado cada vez mais complexa de se entender, precisamos “dar o braço a torcer” e ver como possibilidade a interdisciplinaridade, em nossas áreas de estudo, como uma forma de buscar a entender sobre as questões sociais circundantes. Estudos culturais comprovam cada vez mais que, as relações estão se misturando como peças de quebra cabeça a fim de confundir o jogador – a maneira com que as estruturas sociais vêm se construindo. Cada dia que passa novos problemas aparecem, soluções novas também surgem na tentativa de entender, para então amenizar tudo que tem afligindo o social.

O presente trabalho adota a postura do pesquisador bricoleur como característica principal de seus pesquisadores, este pesquisador utiliza a colagem de tipos diferentes do conhecimento para atingir os objetivos de sua pesquisa – dialoga com áreas diferentes, procurando sempre a esfera do problema (KINCHELOE, 2007). Todavia, o fato de se fazer colagem de tipos de conhecimentos de áreas diferentes não indica que a pesquisa não tem rigor, muito pelo contrário, é o rigor da bricolagem e de toda a conversação que trará um resultado mais eficaz à análise das estruturas sociais. Portanto, a bricolagem e o rigor do pesquisador bricoleur abre caminho para entendermos o corpo, como objeto-sujeito, tipo: as formas de projetá-lo e de construí-lo, e sendo assim nos permite entender a corporeidade e a territorialização dos corpos como a questão norteadora para essa investigação.

É em Haesbaert (2001) que compreendemos que a territorialização vai além de fronteiras físicas, é através do diálogo de seus pensamentos com o de dois filósofos, Deleuze e Guattari, que entendemos o corpo como um território, por consequência, um campo de disputas de poder e conflitos.

Primeiro, é necessário entender o rigor da pesquisa e o porquê dessas abordagens que podem soar rasas pelo fato de transitarem em diversas áreas serem usadas nesse trabalho, pode-se dizer de antemão que, toda a colagem e a montagem de diversos tipos de narrativas são necessárias para qualquer pesquisa que tente objetivar as sociedades e suas relações onde o corpo ocupa a centralidade da discussão.

## 2- O RIGOR DA PESQUISA

Discorrer sobre a pós-modernidade exige muito mais rigor do que se pensa, não só pelas transformações drásticas que toda a estrutura social vem passando, mas principalmente pelo discurso que as partes desse esqueleto estrutural trazem através dos movimentos e das diferentes formas de representação social. Pode-se perceber através dos discursos conservadores que dominam vários meios, pessoas têm se deslocado na zona de legalidade que as culturas hegemônicas pregam e estão a cada dia que passa optando mais pelas oportunidades que os “guetos” sociais oferecem.

O declínio das dicotomias em todos os tipos de relações é um exemplo dessa transformação. A todo instante discursos vindos das minorias apresentam formas de viver e de se orgulhar de não se encaixar em nenhum grupo dominante, sujeitos e movimentos têm nos mostrado que as dicotomias que antes asseguravam o bem da dominância social hoje não possuem o mesmo poder sob as estruturas (WOODWARD, 2009).

As identidades na visão dos pesquisadores culturais que se dedicam ao estudo do multiculturalismo a cada dia tornam mais evidente os conflitos locais e globais – pessoais e coletivos que as sociedades atuais, principalmente os grupos humanos ocidentais vem presenciando. As amarras sociais ainda existem e não só oprimem muitos sujeitos como também dominam muitos campos de diálogo dentro dos grupos, se é que o diálogo existe entre o “pequeno” e o “grande”.

Para Hall (2006), “A identidade só aparece quando ela está em questão”, sendo assim, as identidades estão em “check” o tempo inteiro, a todo instante sofremos pela identidade, seja por não se encaixar em nenhum grupo ou por querer afirmar-se em outro. “Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído.” (WOODWARD, 2009. p. 18). Ainda sobre a influência do poder nas relações entre os sujeitos e o mundo, podemos dizer que, “A forma insidiosa que esse processo opera dá testemunho do axioma de que o poder funciona melhor quando não é reconhecido como tal.” (KINCHELOE, 2007).

As identidades estão imbricadas com relações de poder e conflitos de vários tipos, se a identidade é formada através de um processo de diferenciação entre o “eu” e os “outros” como Tadeu (2009) afirma, elas são criadas através de relações de poder, considerando que nessa relação entre diferentes indivíduos o poder será necessário para

distinguir o certo do errado – o sagrado do profano, podemos dizer que, o conflito também existirá, esse se dará pelo constrangimento de não só classificar esse “outro” como também o constrangimento desse diferente que não se encaixa na classificação do indivíduo ou grupo que possui mais poder nessa relação.

“A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade.” (WOODWARD, 2009.p. 20).

O mundo tem suas diversas faces, cada canto do que classificamos como globo tem suas especificidades, a cada imigrante que sai em busca de algo melhor uma ponta do lugar anterior é levada consigo, carregando assim sua cultura e sua história impressa no próprio corpo. É sabido que a capacidade de viajar longas distâncias em poucos minutos e transmitir suas informações em velocidades bem mais rápidas que pode percorrer é uma dádiva apenas dos homens entre todos os animais que circulam no mundo.

Assim, é plausível dizer que o homem está fadado a convivência com o “outro”, e o fato de os pesquisadores estarem pensando o que fazer com esse outro diante de toda a movimentação populacional que assombra a mente dos reacionários à diferença serve de base para nosso argumento de que, as sociedades estão enfrentando problemas criados em diferentes instâncias e que esses problemas perpassam toda a estrutura social, nos forçando enxergar o mundo com uma lente multifacetária, assim como os problemas que temos enfrentado não só na educação, mas em outras áreas do conhecimento.

Contudo, o quadro das identidades é muito amplo e essa amplitude nos impede de expô-lo por completo neste trabalho. Porém, podemos dizer que as identidades atravessam as fronteiras da realidade objetiva e atingem várias dimensões subjetivas dos indivíduos e das sociedades, ela pode ser sexual, cultural, profissional, familiar e etc, o que nos fez escolher as identidades como objeto de análise neste trabalho foram os processos conflituosos pelos quais elas são criadas e as relações que tem com o corpo e as significações atribuídas a ele. Entendemos também que, as identidades ajudam algumas formas de territorialização concretizarem-se, acreditamos que isso se dá pelo modo que os grupos humanos atribuem significados aos seus corpos.

Isto posto, pontuamos que a partir de todas as colocações feitas nós já conceituamos a bricolagem que dizemos ser nosso método de pesquisa, essa enquanto método é a conscientização da complexidade do mundo em que vivemos. “A bricolagem existe a partir do respeito pela complexidade do mundo real.” (KINCHELOE, 2007.p. 16). Kincheloe (2007.p. 16) ainda afirma que, o pesquisador que utiliza a bricolagem como metodologia de pesquisa usa as ferramentas que tem a mão e não métodos de forma passiva, seguem o raciocínio do “ver para crer”, pela complexidade do mundo eles precisam entrar em contato com o objeto de pesquisa e a partir de sua percepção determinar os seus métodos.

A tarefa desses pesquisadores está além de identificar o objeto de pesquisa na realidade e encaixa-lo em método pré-definidos. Cabe a bricolagem oferecer ao pesquisador a oportunidade de avançar na construção social não só do conhecimento e da concepção de subjetividade humana, mas também a chance de desenvolver uma visão crítica perante tudo que parece fixo, ou seja, tudo que nos contam como verdade absoluta (KINCHELOE, 2007). Por isso a informação e o conhecimento de diferentes áreas das ciências são a arma principal que o pesquisador bricoleur têm. Isso porque a colagem de narrativas diversas formará o olhar crítico, necessário para desconstruir as estruturas sociais criadas em cima da opressão das minorias e da exaltação de ideais dominantes.

Mesmo que Kincheloe (2007) não mostre uma conexão direta com as ideias de Paulo Freire, interpretamos que, o rigor da bricolagem que se faz necessário para a crítica das complexas estruturas sociais corrobora com as ideias de Freire (1981) quando diz que o educador que tem como intenção promover o olhar crítico dos educandos não pode agir na espontaneidade, “O trabalhador social que opta pela mudança não teme a liberdade, não prescreve, não manipula. Mas, rejeitando a prescrição e a manipulação, rejeita igualmente o espontaneísmo” (FREIRE, 1981, p.34).

### 3- CORPO E IDENTIDADE

É sabido que o conceito de território tem chamado a atenção de muitos pesquisadores durante os últimos anos. Entender o território se faz cada vez mais necessário. Muito tem se falado sobre o que é o território e todas as formas que este

pode se materializar. Em um mundo pós-moderno onde conflitos surgem a cada dia com mais intensidade muito se fala sobre o território e suas diversas exposições.

Porém, não trataremos do território enquanto demarcações de fronteiras sob o poder do estado nessa pesquisa. Poder e conflitos não estarão excluídos desse trabalho, muito pelo contrário, ambos são de grande importância para atingirmos o objetivo proposto. Portanto, nesse momento, o corpo será ressaltado juntamente com sua importância enquanto instrumento que guarda os indivíduos e suas histórias. Não obstante, as reflexões sobre as implicações que os corpos sofrem pelos mecanismos de poder que a sociedade possui também têm devida importância para este trabalho.

É muito comum relacionarmos o território de imediato a uma nação ou estado – a algo que está sob o poder do Estado ou de outras fontes detentoras de poder, a presente pesquisa não se refere ao território nesta perspectiva, considera-se aqui, o corpo como um território. O corpo para nós é o veículo pelo qual o homem estabelece suas delimitações, sendo esse um próprio território, os indivíduos não estão nos corpos, eles são corpos. Você não tem um corpo, você é um corpo (RELPH, 2014; CHAVEIRO, 2014), os corpos não estão no mundo, os corpos são no mundo. O corpo é muito mais que uma ferramenta para transformar ambientes, o corpo é também um objeto que está sujeito a relações de poder, o próprio estado que um corpo se encontra pode ser resultado de formas de representação propagadas pelo poder dominante, ou não dominante.

O corpo é o meio pelo qual o mundo é experienciado, é ele o veículo não só de transformação deste, mas também de percepção de todo ele. “É através de seu corpo e de seus sentidos que o homem constrói e se apropria do espaço e do mundo.” (FANI, 2007). Mesmo sendo algo comum, que todos têm, não são utilizados da mesma forma, os sujeitos não se enxergam do mesmo jeito diante dele, nem ele está livre de conflitos externos e relações de poder que o implica algumas medidas (medidas ideais, cor de cabelo ideal, modelo de cabelo e etc.).

Com a chegada da pós-modernidade (mesmo que seja tardia como alguns autores a descrevem) novos pensamentos sobre o corpo surgiram e antigos paradigmas que o contornava foram quebrados (HALL, 2014). É sabido que as relações com o trabalho foram mudadas, as identidades sofreram alterações, as identificações (principalmente as familiares) se renderam as tensões do mercado e se modificaram de

acordo com as necessidades impostas pelo modelo econômico vigente (WOODWARD, 2009; TADEU, 2009). Constata-se que, as identidades mudaram, transformando assim, o próprio corpo. Os modos de vida hoje exigem muito mais do nosso corpo do que imaginamos.

Como já foi dito, as identidades familiares foram umas das mais deslocadas durante todos os processos que as sociedades têm passado, o que se exige de uma mãe hoje não é o que se exigia de uma mãe há cem anos atrás, os pré-requisitos que o mercado de trabalho impõe para as mulheres hoje não é o mesmo do passado, hoje é comum encontrar mulheres que são arrimo de família, coisa que no passado era raro de acontecer e quando acontecia era motivo de vergonha não só para a mulher, mas para toda a família. Portanto, a demanda que as sociedades impõem para os corpos muda conforme as exigências que os fazem. Tadeu (2009) pontua que se nem a linguagem e o modo de uso dela são fixos as identidades não seriam exatamente autênticas.

Seria ilusório considerar o corpo como algo estático – imóvel – dado pela natureza, esse não é uma dádiva divina, tão pouco algo puramente físico, pelo contrário, o corpo é muito mais uma arena de batalhas subjetivas do que lutas concretas.

É importante ressaltar que, até as ideias sobre o corpo que nos parecem ser as mais seguras são do campo cultural, ou seja, da subjetividade, “para ser homem basta ter um pênis, para ser mulher basta ter uma vagina”, qualquer forma de essencialismo é cultural, até mesmo o biológico precisa da cultura e de suas formas de significações para ser chamado de biológico (WOODWARD, 2009). Os sujeitos não são estáticos, o território – corpo sempre está em movimento, refletindo dessa forma a habilidade de mudar que as identidades têm.

Os limites "naturais" do corpo foram delimitados por humanos, então não são puramente físicos. Sendo assim, o corpo, é interpretado de diferentes formas entre os tantos grupos humanos espalhados pelo globo, e são as significações atribuídas a esses corpos que nos diz como devemos nos portar diante dele e com ele. O corpo não é uma externalidade da mente, mas sim uma extensão da mesma. Com isso, podemos dizer que o corpo pode ser um reflexo das identidades dos sujeitos, e que se eles mudam sua maneira de pensar e de agir o corpo também atua de maneiras diferentes em diferentes lugares. Grupos humanos criam ideais em torno do corpo e determinam suas funções.

O reconhecimento de um corpo não implica apenas uma fronteira física entre o sujeito e o meio que está inserido, mas também uma fronteira cultural. A demarcação física de um território marca até onde a cultura (ritos, costume e etc.) daquele povo deve ir. Quando um indivíduo passa por uma fronteira ele não a atravessa apenas com o corpo, ou melhor, ele não a rompe com o corpo vazio, o corpo que quebra demarcações territoriais e por consequência, culturais, é um corpo cheio de significado que guarda uma história em particular, a maneira que esses sujeitos operam não são iguais. Os anseios são diferentes quando comparados aos anseios dos sujeitos do território adentrado, ora, já era de se esperar já que são de terras diferentes. “O corpo é a propriedade pela qual o sujeito pode fundar a sua extrema singularidade, recurso de estranhamento no tempo e de realização temporal no encontro com o outro, no estranhamento desse outro.” (CHAVEIRO, 2014, p. 250).

A partir do corpo que ritos – costumes – hábitos culturais não só ganham força como atingem possibilidade de existir, é pela experiência do corpo que a cultura chega até nós e é por esse mesmo meio que ela pode ser perpetuada. Os corpos também se mostram extremamente importantes pelos processos de diferenciação que fazem de nós, por mais que insistamos em dizer que a beleza interior que importa a beleza exterior (o corpo) acaba chegando primeiro e nos dizendo mais do que deveria, e se o corpo é o primeiro a dizer algo nas relações entre os indivíduos é porque esse modo de enxergar o mundo já está enraizado em nossa cultura.

O processo de diferenciação é de suma importância para o reconhecimento das identidades, você só se intitula como alguém porque há um outro alguém disputando alguma posição com você, portanto, você precisa perceber que é diferente para dizer quem é (HALL, 2014; WOODWARD, 2009; TADEU, 2009). Muitas vezes é pela diferenciação dos corpos que a descoberta do diferente acontece e o descobrimento dessa alteridade é uma das chaves mestra nos processos de desenvolvimento das suas identidades, pessoais ou coletivas, como já foi dito antes, é pelo outro que a necessidade de se reconhecer aparece.

É nesse momento de reconhecimento, nesse contato com o outro e com as formas de representação que os veículos transmissores de informação aproveitam que as estruturas mercantis se utilizam não só dos corpos, mas também de todos os discursos que envolvem os corpos, “nenhuma propaganda tem sucesso se não atinge seu público.

” (WOODWARD, 2009). É pelo viés da identidade que as propagandas obtêm sucesso, elas não só criam identidades como também se apossam de identificações existentes e as modificam de acordo com o que pretendem alcançar, uma propaganda de produtos para cabelo afro por exemplo, ela atinge um público específico ou o público em geral? Nesse caso os alvos são ambos os públicos e o mercado tem seu próprio discurso para se apoderar desses corpos que parecem ser diferentes, mas para as estruturas comerciais eles são iguais, o importante é vender o produto, voltando a situação citada anteriormente, o discurso será diferente para ambos, mas o objetivo será o mesmo, concretizar a venda do produto anunciado. O público específico pode ser o público que já utiliza o cabelo afro, o público em geral são os outros clientes que ainda não o utilizam, apesar de serem diferentes em suas particularidades o discurso do mercado se apodera de seus corpos e de suas ideias sob eles e os atinge, como já foi dito, a propaganda só atinge seu objetivo se “captura” o cliente. Resumidamente, o discurso servirá para manter quem já compra os produtos para o cabelo afro (público específico) tanto quanto para chamar novos clientes (público em geral que não utiliza esses produtos).

Agora que uma sucinta ligação das identidades com os corpos e a maneira que as identificações refletem neles foi feita, podemos partir para uma próxima reflexão, onde ainda objetivamos o corpo, agora, vemos este como um território. Afim de dar seguimento ao título da pesquisa, fazemos agora, um recorte mais específico e focaremos daqui para frente no corpo negro em específico e suas formas de territorialização.

#### 4- TERRITORIALIZAÇÃO DO CORPO NEGRO

Depois de expor pelo menos um pouco da complexidade das identidades e alguns processos que utilizamos para legitimá-las, pontuamos a partir daqui outro ponto que o presente trabalho aborda. Toda a reflexão feita até agora não é desconexa do que trataremos neste momento, muito pelo contrário, as identidades e alguns dos processos que fazem parte da sua legitimação, constatação e etc são fundamentais para entendermos o corpo como território, neste caso, o corpo negro.

É sabido que os negros ainda sofrem preconceitos, o que é horrível de se afirmar. Portanto, muitos autores ao discutirem o corpo negro e processos subjetivos que os atingem afirmam que a maneira com que essa população é vista e representada pelos veículos de representação que a sociedade tem influencia o desenvolvimento deles, afetando assim a sua autoestima, sua vivência do mundo e por consequência, sua maneira de se relacionar no e com o mundo.

São amplas as abordagens que tratam da subjetividade não só do negro mas também da cultura hegemônica racista em que os brancos são criados. Gonçalves (2015), argumenta que a forma negativa que os negros se veem são decorrentes das representações erradas que a cultura hegemônica etnocêntrica os representa. Ainda para ela, “Os elementos histórico-culturais e políticos que produzem alienação, invisibilidade e, por consequência, a perpetuação da dominação, do racismo estão internalizados nas pessoas e conduzem seus projetos de vida.” (GONÇALVES, 2015, p. 153). Guimarães (2014) ressalta que o preconceito, o racismo e as representações negativas dos negros e negras estão extremamente relacionados com a identidade racial. “Compreendo a construção da identidade racial como um processo social, cultural e político, implicada em relações de poder que provêm de uma dinâmica de identificações construídas sobre um vasto conjunto de significações e práticas discursivas.” (GUIMARÃES, 2014, p. 44).

Portanto, podemos dizer que tanto Gonçalves (2015) quanto Guimarães (2014) enxergam as identidades como participantes da subjetividade de cada indivíduo, isso se faz importante para a presente pesquisa porque é a subjetividade, o desejo e as práticas discursivas o nosso ponto de partida para entender a territorialização do corpo negro.

Podemos dizer que por territorialização do corpo negro entendemos as práticas discursivas, as maneiras de representá-los e qualquer outra forma de atribuir significado a esses corpos, vale lembrar que quando citamos os corpos negros estamos falando do corpo enquanto um conjunto, mas também dos marcadores raciais, são eles as marcas, os relevos da morfologia de cada corpo que a sociedade atribui significados positivos ou negativos, os transformando como já dissemos em marcadores raciais.

O quadro teórico selecionado possui importância para nós porque é através da subjetividade e de dimensões não concretas que o conceito de território que utilizamos desenvolve-se. Para isso, utilizamos as concepções de território elaboradas por Deleuze



e Guattari, é através de Haesbaert (2001) que entendemos que o conceito de território elaborado por eles é um conceito muito amplo, pois ele está relacionado com o desejo.

Para esses autores território não se limita a uma marcação de fronteiras, muito pelo contrário, ele está mais relacionado com as dimensões subjetivas e abstratas, consideramos essas dimensões importantes na criação do território justamente pela importância que esses autores dão ao desejo no processo de territorialização. “O desejo está para Deleuze e Guattari da mesma forma que o poder está para Foucault. ” (HAESBAERT, 2001). Com isso podemos entender a importância que o desejo e o pensamento tem na criação dos territórios. Ainda dialogando com Haesbaert (2001, p. 8), “Podemos nos territorializar em qualquer coisa, desde que façamos agenciamento maquínico de corpos e agenciamentos coletivos de enunciação. ”, o primeiro são relações entre os corpos que pertencem a uma sociedade, o segundo são atos de enunciação que atribuem significados através de linguagens e modos de representação.

Isso nos faz pensar na forma com que os agenciamentos coletivos e os agenciamentos maquínicos de corpos tem territorializado o corpo negro, é claro que há diferentes maneiras de territorialização do corpo negro, mas pelos fatores citados antes podemos dizer que o preconceito, o racismo e as formas negativas de atribuir significado e representar o corpo negro são maneiras negativas e injustas de territorializá-lo. É justamente pela importância que essas dimensões subjetivas têm na territorialização do corpo negro que temos que mudar a forma de representa-los. Do mesmo modo, entendemos que o corpo negro precisa ser desterritorializado, precisamos mudar os significados atribuídos a ele para tentar promover uma maior igualdade, logo, pensamos que ao reterritorializar esse corpo antes revestido de ideias negativas nós temos que construí-lo positivamente sem diminuir os outros, para que não viremos o quadro de preconceitos que criticamos hoje.

## 5- CONCLUSÕES FINAIS

O corpo é lido a todo o tempo, como também é domado por várias normas e padrões sociais que devemos seguir, é ele o denunciante de identidades de gênero, raciais e sexuais, ele as delata pelos marcadores que nele estão presentes, o cabelo crespo por exemplo é um marcador racial.



Diante disso, consideramos que as formas de ver o mundo como também de se projetar nele são resultados de processos de significação, ou seja, os processos culturais de certa forma contribuem para a estrutura social e para toda a forma com que ela se projeta. Portanto, o poder não precisa ser reconhecido, na verdade o poder não deve ser reconhecido para obter êxito em seu serviço, tudo que está posto no espaço não está lá apenas para preencher algum vazio, se expõe algo com a intenção de cumprir algum objetivo, portanto a espacialidade é repleta de intenção e pressupostos (GOMES, 2013).

Assim, entendemos que os lugares nos ditam regras, tudo que está posto neles, os significados que atribuímos a essas coisas e como nos relacionamos nesses lugares faz parte do jogo das identidades que os lugares criam. O fundamental para essa pesquisa é entender que os valores dessas identidades, ou seja, suas formas de legitimação se dão através do corpo, o corpo é usado para legitimar essas identidades, o corpo é alvo do poder em diferentes meios sociais, e para essa pesquisa o corpo negro em específico é o alvo de nossas reflexões. Entendemos que o corpo negro é construído através de atos de significação, portanto sua construção se dá em dimensões subjetivas e abstratas, dessa forma compreendemos que ao ser exposto a um ambiente racista o negro sofre danos em dimensões também subjetivas por conta da representação negativa que terá de seus corpos (GUIMARÃES, 2014; GONÇALVES, 2015).

Diante de uma sociedade onde a cada dia que passa vemos mais atitudes racistas surgindo por vários lados, acreditamos que as territorializações que o corpo negro vem sofrendo por grande parte da sociedade são racistas e tem representado-os de maneira injusta e desleal para com a realidade desses indivíduos. Levando isso em consideração, nos baseamos e Haesbaert (2001) para pontuar que essas ideias racistas que tem prejudicado a população negra de diversas maneiras precisam ser desterritorializadas, o significado negativo precisa ser desvinculado do corpo negro – de todos os tipos de corpos. Entendemos que o diálogo sobre a diferença é importante, não uma conversa sobre tolerar o outro, mas um esforço em entender que o fato do outro ser diferente fisicamente não o faz melhor ou pior que ninguém, ou melhor, um debate claro onde o racismo fique claro para todos porque ainda existe pessoas que o chama de vitimização.

Diante disso, consideramos a autoestima e a representação positiva armas significativas no processo de aceitação do corpo negro (MOTA, 2013). Apostamos que a representação positiva e a autoestima são as linhas de fuga dessa territorialização,



reforçamos que a desterritorialização é necessária, mas pontuamos também que ao reterritorializar-se esses corpos não resgatarão uma identidade perdida no passado, pelo contrário, essa história de opressão não se apagará e servirá de base para a reconstrução de uma nova identidade, essa nova agora se enxerga positivamente e luta para que os outros consigam o mesmo.

Contudo, todo esse processo deve ser feito com respeito mútuo para ambas as partes, os negros e os não negros, ao reivindicar uma nova forma de os negros territorializarem seus corpos não estamos fazendo nenhuma apologia ao desmerecimento dos outros, pelo contrário, propomos entender que somos diferentes e essas diferenças não nos tornam pior nem melhor do que os outros, ao denunciar a opressão das minorias estamos longe de querer que elas se tornem os opressores (TAYLOR, 1994).

Podemos ir além nos estudos culturais e dizer que o presente trabalho sugere que entendamos os diferentes em suas particularidades e que os valorizemos por serem peculiares, mas sem colocar os diferentes no lado mais fraco da dicotomia que insistimos em classificar o mundo, nós/outros, sociedade/natureza, homem/mulher e etc, se possível for, lançamos mão das dicotomias e aceitamos o mundo multicultural – multiterritorial no qual vivemos.

## 6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. SP: Companhia das letras, 1997.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007, p. 21-27.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Aproximações fenomenológicas e existenciais: Corporeidade e lugar: elos da produção da existência. In. MARANDOLA, Eduardo Jr; HOLZER, Werther e OLIVEIRA, Livia (Org). In. **Qual o espaço do lugar? :geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo, Perspectiva, 2014.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar: Elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2013, p. 27-182.



GUIMARÃES, Reinaldo da Silva. **Afrocidadanização**: ações afirmativas e trajetórias de vida no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Ed. PUC-Rio, 2013, p. 41-67.

GONÇALVES, Maria das Graças. Subjetividade e negritude: reflexões na formação universitária In. Coutinho, Luciana Gageiro e Lehmann, Lucia de Mello e Souza (Org). **PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO: INTERFACES**. Niterói, RJ, Editora da UFF, 2015.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In. SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (Org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ, Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KINCHELOE, J, L; BERRY, K, S. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MOTA, Edimilson Antônio. **O negro e a cultura afro-brasileira: uma bricolagem multicultural do ensino de geografia**. Rio de Janeiro, 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013, p. 141-156.

RELPH, Edward. Reverberações da geografia humanista: reflexões sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. In. MARANDOLA, Eduardo Jr; HOLZER, Werther e OLIVEIRA, Livia (Org). In. **Qual o espaço do lugar? :geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo, Perspectiva, 2014.

TOMAZ, Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In. SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2009.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In. SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2009.



BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 258p.